

# CORREIO POPULAR

Campinas, 5 de fevereiro de 1971

## DEBRET EM CAMPINAS

Celso Maria de MELLO PUPO

A publicação de coleção inédita de Debret, em rico álbum de gigantes dimensões, tem sido uma alegria para os que admiram o culto viajante e suas produções, e para quem conhece o valor da iconografia na pesquisa histórica.

Nogueira Moutinho, brilhante crítico e escritor, mostra, em publicação de recente crônica na Folha de São Paulo, o valor fabuloso desta coleção, seu "desfile de vicissitudes e milagres" que "propiciou a subsistência dessas obras através do tempo" "relatados no eruditíssimo prefácio" elaborado pelo "historiador paulista João Francisco de Almeida Prado".

Debret esteve no Brasil de 1816 a 1831, com ativas atuações no campo artístico, produzindo trabalhos e lecionando intensamente como se constatada com os vários pintores de renome que foram seus discípulos e que figuram entre os melhores da pintura nacional.

E o mesmo cronista que citamos, repassa as obras de Debret, com tripla classificação, dentro da permanência do pintor no Brasil: um primeiro grupo de pinturas editadas pelo próprio Debret sob o título de "Voyage Pittoresque et Historique au Brésil"; um segundo grupo adquirido por Raimundo de Castro Maia em Paris, por ele divulgado e que se encontra no museu que foi sua residência na Tijuca; e o terceiro, conside-

rado o último, adquirido também na capital francesa pelo diplomata Antônio de Almeida Correia, e transferido, por falecimento, aos Condes de Bonneval que os cederam para a publicação.

O prefácio de Almeida Prado, segundo o mesmo crítico, é um magnífico "estudo histórico dos quinze anos do pintor no país e como explicação das ilustrações até agora inéditas", oferecendo um "largo panorama histórico compreendendo os anos finais do reinado de d. João VI e os anos iniciais do Império".

Reproduz a maior parte das quarenta aquarelas de Debret, ora publicadas, aspectos dos Estados do Paraná e Santa Catarina, mas não exclui São Paulo que foi objeto de alguns quadros, como o "largo da Sé, o Pátio do Colégio, o convento e a igreja do Carmo, a ponte de Santa Efigênia que nunca antes haviam sido descortinados", Ubatuba, Ilha Bela, "Sorocaba, a célebre fábrica de ferro de São João de Ipanema e Campinas".

Campinas é a palavra mágica que logo nos vibra nas cordas mais sensíveis do coração; ao ouvi-la foi este

quadro de imediato objeto do nosso exame. Não compulsamos o álbum, mas, apenas, a reprodução da vista de Campinas, que nos foi trazida por um amigo, historiador e professor universitário da matéria, desejoso de uma identificação das construções de Campinas reproduzidas por Debret.

Ao examinar a gravura atribuída a Campinas, já estranhamos o título escrito do próprio punho de Debret, nestes termos: "São Carlos visto da estrada de Curitiba". Ora, por Campinas (São Carlos ao tempo de Debret) nunca passou estrada para Curitiba, nada podendo justificar um engano de Debret, já que as suas pinturas nesta coleção, indicam viagem por Ubatuba, Ilha Bela, cidade de São Paulo e Sorocaba, fora, inteiramente, da região de Campinas.

O exame cuidadoso da pintura, revela, porém, o engano de quem tomou as palavras de Debret "São Carlos" como o da vila de São Carlos que se tornou cidade de Campinas. Procuramos outro São Carlos e encontramos, nossos contemporâneos, no Estado do Paraná,

um núcleo no município da Lapa e uma vila no município de Tamborá; uma cidade no Estado de Santa Catarina e um local no município de Santa Maria no Rio Grande do Sul.

O quadro mostra bem no centro de um povoado, uma igreja de aspecto barroco, de construção aprimorada, com uma torre na sua esquerda, tendo em sua frente, continuando o pátio, um declive como rua que se continua em estrada; à direita do observador, com o solo em elevação, casas da vila em cujo extremo se destaca uma grande construção em quadro, assemelhando um convento, com torre num canto e pátio central de grandes dimensões. Em frente e à esquerda do observador, construções avantajadas tendo por fundo um terreno particularmente acidentado.

Nada de Campinas. Entre 1816 e 1831, nossa cidade possuía a matriz, hoje igreja do Carmo, a primeira construída, com sua porta central e três janelas no alto, sem torre; só mais tarde (1846) foi ela aumentada lateralmente com duas galerias, passando suas janelas para o número de cinco. Já

existia a capela de Santa Cruz cuja primeira notícia quase coincide com a chegada de Debret ao Brasil, mas esta capela não passava de reduzidas dimensões, demolida depois de 1820 e reconstruída como a viu H. Lewis em 1863 e a perpetuou em desenho, diferente da que hoje contemplamos cuja fachada foi construída depois da pintura de H. Lewis. A Catedral, nesta época, só tinha suas taipas e só foi coberta pelo telhado em 1845.

Excluída a identidade da igreja central do quadro, restam a grande construção quadrada, de torre no canto e pátio interno, exemplar que nunca existiu em Campinas, e os sobrados e casas da frente e do outro lateral da pintura, nada se aproximando de qualquer construção de Campinas. A conformação do terreno, pelos seus acidentes, desmentem categoricamente a identificação do São Carlos visto por Debret da estrada de Curitiba, com Campinas do Mato Grosso, depois São Carlos e finalmente cidade de Campinas.

Está é uma retificação que não podemos deixar de fazer, como dever de quem carinhosamente procura estudar a história de Campinas. Seria uma grande alegria encontrar uma vista de Campinas na primeira metade do século passado, e, à primeira notícia da pintura de Debret, o nosso prazer foi imenso, desfeito, porém, melancolicamente, com o exame minucioso da reprodução do quadro.